

O objeto nulo definido no português europeu e no português brasileiro: convergências e divergências¹

Mary A. Kato

Universidade Estadual de Campinas

Eduardo P. Raposo

Universidade da Califórnia, Santa Bárbara

1. Introdução

Em trabalho recente, Raposo (1998) mostra que:

1.1. o Português (doravante PE e PB) admite resuntivos nulos em construções que Duarte (1987) chamou de “topicalização” e clítics nas construções de deslocamento a esquerda clítica (CLLD) As demais línguas românicas só admitem CLLD:

- (1) a. esse livro, eu só encontrei ___ na FNAC
a' esse livro, eu só o encontrei na FNAC.
b. *ese libro, sólo encontré ___ en la FNAC
b. ese libro, sólo lo encontré en la FNAC

1.2. o Português, mas não outras línguas românicas, admite objetos nulos:

- (2) a. eu só encontrei ___ na FNAC
a' eu só o encontrei na FNAC
b. *sólo encontré ___ en la FNAC
b'. sólo lo encontré en la FNAC

- (3) a. falamos sobre o livro e as nossas tentativas de comprar ___ na FNAC
b. *hablamos sobre el libro y nuestras tentativas de comprar ___ en la FNAC

¹ Para a doação de alguns dados relevantes, agradecemos Ilza Ribeiro e Maria Eugênia Duarte, esta com dados de trabalhos de seus alunos. Também somos gratos a Angel Mori e Rodolfo Ilari pela ajuda com a tradução de frases para o espanhol e o italiano. Agradecemos ainda alguns dos julgamentos dos colegas portugueses e brasileiros do projeto. O trabalho foi elaborado sob o patrocínio da bolsa CNPq (proc 300814/88-89) de produtividade e de Auxílio FAPESP (1998/13726-8).

1.3. o Português admite nomes nus ou com artigos para objetos genéricos de verbos de atitude afetiva (Laca 1990), mas as outras línguas românicas exigem a presença obrigatória do artigo:

- (4) a. a Maria detesta (as) cenouras
 b. odeio (o) café
 c. o João prefere (a) prosa a poesia

- (5) a. Maria detesta las zanahorias
 b. odio el café
 c. Juan prefiere la prosa a la poesia

A proposta de Raposo é que tanto no Português Europeu (PE) quanto no Português Brasileiro (PB) formal

- a) o artigo definido genérico pode ser nulo no português, mas não nas outras línguas românicas.
 b) o objeto nulo é um clítico nulo, analisado como um artigo definido cujo N é nulo;
 c) CLLD e “topicalização” são um único fenômeno: no primeiro caso o clítico resuntivo é fonológico e no segundo o clítico é nulo.

O PB vernacular perdeu os clíticos de terceira pessoa (Cyrino 1997) e apresenta ao lado da possibilidade do objeto nulo, construções com os pronomes reto *ele/ela*, ainda banidos da escrita pela prescrição gramatical. Em lugar de CLLD o que temos, então, é deslocamento à esquerda (DE), como em (6):

- (6) a. Eu só encontrei **ele** na FNAC.
 b. **Esse livro**, eu só encontrei **ele** na FNAC.

Para explicar por que no PB o desaparecimento do clítico de terceira pessoa levou ao preenchimento do objeto pelo pronome reto *ele/ela*. Kato (1996) propôs que essas construções resultam de uma estrutura invisível de duplicação clítica sem preposição. Já que o clítico é nulo, o que se ouve é o pronome *ele*².

- (7) Eu só \emptyset -encontrei **ele** na Fenac.

Nesse trabalho, considera-se ainda que o clítico nulo se gramaticalizou, em seguida, como afixo, não subindo para I, como anteriormente (Cf Pagotto 1993 e Cyrino 1994), afixando-se ao verbo principal. Ao mesmo tempo, os pronomes

² Pode-se dizer que no caso dessa duplicação clítica o D seleciona um DP, cuja realização é *ele*. Outra possibilidade é gerar *ele* como o especificador de D.

ele/ela, quando ocorrem, deixam de ser parte de uma estrutura de duplicação, passando a ser os objetos gramaticais da sentença (cf. Kato, no prelo)³. O afixo nulo pode ser considerado agora uma marca de concordância com o objeto. Da mesma forma que no caso do sujeito nulo a concordância pode aparecer sozinha desempenhando o papel do objeto ou pode vir acompanhado de um objeto lexical.

As perguntas que se colocam para esse trabalho são as seguintes:

a) considerando que a escrita é regida por sistema de regras prescritivas nas duas línguas, como se manifesta o fenômeno do objeto nulo, do CLLD, da topicalização e do deslocamento à direita em *corpus* das duas línguas?

b) se as duas variedades diferem quanto ao pronome expresso, uma escolhendo o clítico, que pede movimento, e a outra o pronome reto que o dispensa, mas convergem na existência do nulo, qual a distribuição deste em relação ao antecedente, nas duas variedades, levando-se em conta as divergências sobre sua natureza na literatura (Raposo 1986, Galves 1989, Farrell 1990)?

O trabalho se baseará tanto em dados de produção (*corpus*) como também em testes de julgamento.

2. Os dados no *corpus* escrito

2.1. O objeto nulo e pronominal nos dados escritos

O objeto nulo que estudamos é diferente da categoria vazia de leitura indefinida/arbitrária (*a gente, qualquer um*) que aparece no exemplo abaixo, cuja tradução para o espanhol e para o italiano também acusam um objeto nulo (Cf Rizzi 1996). Isso provém do fato de que tanto o Espanhol quanto o Italiano contam com o artigo indefinido nulo.

- | | |
|--|------|
| (8) a. Muitos dentifrícios protegem ___ contra as bactérias. | |
| (QUO, N. 49, Outubro, 1999, p. 26 e 27) | PE |
| b. Muchas pastas protegen ___ contra las bacterias. | ESP |
| c. Gli altri dentifrici proteggono ___ contro i bacteri. | ITAL |

Nota-se que o tipo de objeto nulo que aparece nesse exemplo do PE é do tipo indefinido, que é bem distribuído nas línguas românicas.

Um outro tipo de objeto nulo abundante no *corpus* é aquele que aparece em receitas de cozinha, como se pode ver nos exemplos abaixo:

³ Enquanto na estrutura de duplicação clítica o pronome *ele/ela* têm caso "default" nominativo, quando gramaticalizados podem ser considerados acusativos estruturais, com caso acrescido na numeração (cf Raposo 1998b).

- (9) a. Rale o queijo, deite-o num tachinho com a margarina, o ketchup e leve ___ ao lume em banho-maria até o queijo derreter, mexendo ___ uma vez por outra com colher de pau. **PE**
- b. Numa panela, aqueça metade da manteiga e junte a cebola. Quando ficar transparente, coloque o arroz e mexa ___ bem. Banhe ___ com o vinho, deixe ___ evaporar e vá juntando o caldo de carne quente. Aos poucos, mexendo ___ seguidamente. **PB**

Mas vale lembrar que Haegeman (1987) e Massam e Roberge (1989) verificaram objetos nulos em registro semelhante em inglês. Kato (1993) mostrou que o objeto nulo dêitico, no contexto de imperativo, tem larga distribuição entre as línguas, não as diferenciando parametricamente.

Também não incluiremos aqui os objetos nulos que retomam uma proposição como em (10)⁴:

- (10) a. -Estúpida, estúpida, por que é que deixas ___!!!
(ADOLESCENTES!- N. 14-3^o Período:p.4-5.) **PE**
- b. Ele tinha certeza de que a moça jamais entenderia ___ (Paulo Coelho, 1999, *O alquimista*. 56^a.p.25. Rio de Janeiro:Rocco) **PB**

O objeto nulo referencial que investigamos tem caráter nominal e é encontrado no *corpus* tanto do PE quanto do PB⁵:

- (11) a. Por muitas decepções que possamos sofrer em democracia, não podemos esquecer a fabulosa frase de Churchill (à qual não aponho aspas, porque cito ___ de memória). (EXPRESSO, 22-01-99) **PE**
- b. Tirou o dinheiro do bolso e contou ___
(Paulo Coelho, 1999, *O alquimista*. 56^a.p.66.. Rio de Janeiro:Rocco) **PB**

São raras, contudo, as ocorrências desses nulos referenciais na língua escrita, havendo mais os do tipo arbitrário/indefinido.

Contudo, em peças e romances, gêneros que simulam a fala ou contém trechos que o fazem, a ocorrência de objetos nulos definidos é bastante grande no **PB**:

⁴ Cyrino (1994) encontra esse tipo de objeto nulo no PB já no início do século XIX e foram considerados distintos dos objetos nulos referenciais.

⁵ Agradeço a Maria Eugenia Duarte, que me passou o trabalho de seu aluno Gilson Costa Freira (UFRJ), de onde tirei o exemplo (11).

- (12) a. Tia Rute (misteriosamente) – Tenho outra. Você conhece _____. **PB**
 (Nelson Rodrigues, *Album de família*⁶: p. 62)
- b. Tia Rute:Vi ____ tomando banho na lagoinha.
 (Paulo Coelho, 1999, *O alquimista*. 56^a.p.66.. Rio de Janeiro:Rocco) **PB**
- c. Jonas: (que olhou na direção de D.Senhorinha e parece impressionado; como se estivesse com medo!) – Porque se for maluca, não quero ____!
 (Nelson Rodrigues, *Álbum de família*: p. 62) **PB**

Comparamos o original brasileiro e a tradução portuguesa do romance *O Alquimista*, de Paulo Coelho, para verificar se, na simulação da fala, as duas variedades produziam igualmente o objeto nulo. Mas o que encontramos é que, enquanto no PB abundam objetos nulos alternando com clíticos, na versão portuguesa (Editora Pergaminho), todos os objetos nulos são traduzidos por clíticos.

- (13) a. Se hoje eu me tornasse **um monstro** e resolvesse matar ____ uma por uma ...
- b. ...que contam **histórias incríveis** sempre nas horas que a gente quer ouvir _____
- c. Estava excitado e ao mesmo tempo inseguro: talvez a menina já tivesse esquecido ____.
- d. Achei ____ certo dia no campo.
- e. Tirou **seu dinheiro** do bolso e mostrou ____ ao recém-chegado.
- f. Assim como eles estão, nenhum comprador vai querer comprar ____.
 (Paulo Coelho, 1999, *O alquimista*. 56^a.p.26-77. Rio de Janeiro:Rocco) **PB**

- (14) a. Se hoje eu me tornasse **um monstro** e resolvesse matá-las uma por uma ...
- b. ...que contam **histórias incríveis** sempre nas horas que a gente as quer ouvir
- c. Estava excitado e ao mesmo tempo inseguro: talvez a menina já o tivesse esquecido.
- d. Achei **-o** certo dia no campo.
- e. Tirou **seu dinheiro** do bolso e mostrou-**o** ao recém-chegado.
- f. Assim como **eles** estão, nenhum comprador vai querer comprá-**los**.
 (Paulo Coelho, 1999, *O alquimista*. 56^a.p.32-45. Rio de Janeiro:Rocco) **PB**

Quanto ao pronome expresso no **PB**, perguntamo-nos se a escrita já admite o uso do pronome tônico e, surpreendentemente, foi possível detectar uma variação entre o clítico e o pronome reto.

⁶ In: Sábato Magaldi (org) *Teatro Completo de Nelson Rodrigues: peças míticas*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.

- (15) a. D. Senhorina – Você não botou **ele** para fora de casa, três dias depois do casamento?
 b. D. Senhorinha. (com a própria excitação para excitá-la;)
 (Nelson Rodrigues, Álbum de família: p. 65) **PB**

Poderíamos dizer que a distribuição é controlada pelo fato do texto constituir a fala do personagem ou do narrador. Mas a mesma alternância é encontrada em duas falas do mesmo personagem:

- (16) a. Jonas – Deixa **ela** comigo!...
 b. Jonas (andando pela sala, de um extremo a outro) – Expulsei-o daqui...
 (Nelson Rodrigues, Álbum de família: p. 65) **PB**

A mesma alternância é encontrada ainda em outros autores, na fala do mesmo narrador:

- (17) Os adolescentes não entendem os adultos e acham que ninguém os entende. Nós envelhecetes, também não entendemos **eles**. “Ninguém me entende” é uma frase típica de envelhecete,
 (Mario Prata, *Diário de um Magro*:p.32)) **PB**

Quando lexical, o PE se limita ao uso expreso do clítico, mesmo em gravações de fala de adolescentes:

- (18) a. Manuel – Acho que é preciso para sermos alguém na vida, mas já gostei mais da escola do que agora, acho-a monótona, chata mesmo...
 b. Nuno – O que eu mais crítico é o método de avaliação, acho-o incorreto, ...
 (ADOLESCENTES!- N. 14-3^o Período:p.16-20.) **PE**

Não se encontra, como no **PB**, a alternância do clítico com o pronome reto.

A inconsistência/ variação encontrada em **PB** poderia, à primeira vista, ser atribuída a uma competição de gramáticas, no sentido de Kroch (1989), mas seguindo Kato (1999) interpretamos o que ocorre no *corpus* como o resultado de um conhecimento que partiu de “princípios” e passou por regras socialmente instituídas. A alternância é encontrada em diálogos e entrevistas, mas não em editoriais e outros tipos de *corpora* mais formais. É da simulação do oral que surgem as inconsistências. Como a alternância é encontrada na fala simulada de um mesmo indivíduo, não cabe falar de competição de gramáticas, mas sim de usos estilísticos diferenciados. As formas velhas são preservadas com o exclusivo intuito de marcar a formalidade ou a modalidade. Em trechos que simulam a fala, os escritores encontram-se em uma situação de conflito entre seguir as normas da escrita e dar naturalidade e realismo à fala do personagem, donde encontrarmos essas inconsistências.

CLLD e Topicalização

Vimos, segundo Raposo (1998) que um fenômeno associado ao do objeto nulo é a possibilidade da “topicalização”. Assim, abaixo em (19)a. temos topicalização e em (19)b CLLD. O espanhol e outras línguas românicas só admitem CLLD (15c e d).

- (19) a. Esse livro, eu só encontrei ___ na FNAC
 b. Esse livro, eu só **o** encontrei na FNAC.
 c. *Ese libro, sólo encontré ___ en la FNAC
 d. Ese libro, sólo **lo** encontré en la FNAC.

O que há de diferente no objeto nulo e no resuntivo nulo, no **PE** e no **PB**, não pode ser detectado de forma visível nos dados empíricos e só uma análise mais apurada e teoricamente motivada poderá revelar eventuais diferenças. Essa análise será feita na terceira seção do trabalho. A diferença entre os objetos lexicais e os resuntivos lexicais, contudo, é visível numa análise de dados.

Assim, Vasco (2000) detecta em seus dados do **PE** os seguintes resultados para CLLD e DE, a partir do objeto: dos casos encontrados na fala 70 % dos elementos que exercem a resunção do objeto são clíticos (exemplo 20a) e 30% são outros elementos anafóricos como demonstrativos (exemplo 20b), não tendo aparecido nenhum pronome pessoal do caso reto. No **PB**, ao contrário, foram 18% de pronomes retos (exemplo 21a) e 92 % de outros anafóricos, incluindo-se aí demonstrativos (exemplo 21b) e a repetição do elemento deslocado.

- (20) a. “...os móveis que comprei, agora acho-os horrorosos.”
 b. “aquele bocado de carne chamam aquilo de uma pensão...” **PE**

- (21) a. “A avenida das Américas, eles estão recapeando ela toda, né...”
 b. “...qualquer gesto de agradecimento que vocês, você faça, eles recebem isso ...” **PB**

O autor afirma categoricamente (p 90) que “não foi identificado um único caso, no **PB**, de tópico-objeto retomado por um pronome clítico,...” e que “no **PE**, ao contrário, não se observaram construções de DE de objeto direto com retomada por pronome-lembrete tônico...”. O que se verifica, pois, é que quando há dependência A’, o **PE** se utiliza de CLLD enquanto no **PB** temos DE.⁷

As construções de “topicalização”, onde o objeto resuntivo é uma categoria vazia, aparecem, na comparação com topicalização de outras funções, com mais

⁷ Vasco não faz distinção desses dois tipos de dependência A' e chama a ambos de “deslocamento à esquerda”.

frequência no **PB** do que no **PE**. (27% vs 13%) . Comparando-se com a frequência dos CLLDs da mesma função, vemos que o **PE** faz este com mais frequência do que o **PB** (52,5% vs 9,5%) . Seguem-se alguns exemplos do autor nas duas línguas:

- (22) a. "...a prova, eu achei ___o máximo, tá..." **PB**
 b. "...bola, vocês têm que jogar __ lá em cima..." **PB**
- (23) a. "...Mas o Ivan, gostei de ver___..." **PE**
 b. "...Sim, carne... consegue-se arranjar ___..." **PE**

Sendo um fenômeno da fala, houve pouca expectativa de encontrarmos tanto objetos nulos quanto topicalização no *corpus* escrito. Mas ambos os fenômenos são encontrados no *corpus* do **PB**.

- (24) a. -Esta **cena**, você transbordou ____.
 (Entrevista Heloisa Seixas e Carlos Heitor Cony, Revista "Domingo" do Jornal do Brasil, 28/03/99, p.4) **PB**
- b. **Esse programa**, sua pele não pode perder ____.
 (CLAUDIA, ano 38, N.6,)6/99:p.49)
- c. **A primeira lente de contacto de descarte diário no Brasil**.
 Você usa__ e joga __ fora.⁸
 (Cláudia, ano 38, N. 6,)6/99, p. 207)
- d. **A maior parte** ele tinha lido __ nos livros, mas iria contar __ como se tivesse vivido pessoalmente
 (Paulo Coelho, 1999, *O alquimista*. 56^a. ed. p.42. Rio de Janeiro: Rocco) **PB**

A versão portuguesa para esta última mostra que o **PE** prefere usar o CLLD ao invés da topicalização:

- (25) A maior parte tinha-as lido nos livros, mas iria contá-las como se as tivesse vivido pessoalmente.
 (Paulo Coelho, 1999, *O alquimista*. 11^a ed p.42.. Lisboa: Pergaminho) **PE**

As seções 2.2. e 2.3 mostraram que o **PE** prefere o D_{def} expresso na escrita enquanto o **PB** dá preferência para o D_{def} nulo. Quando expresso, o **PB** já admite o pronome tônico como objeto, enquanto o **PE** só admite o clítico. Na análise de Raposo, o D expresso precisa mover-se (movimento do clítico) enquanto o nulo pode permanecer *in-situ*. Na versão de Kato, como vimos, a diferença é entre movimento de clítico e de afixo. Isso parece ir de encontro ao que acontece, de

⁸ Aparece um ponto entre o tópico e o IP, mas trata-se apenas de um recurso de propaganda. Podemos imaginar que se trata de uma pausa comum entre esses dois constituintes.

maneira geral, no **PB**, em matéria de perda de movimento, como, por exemplo, a perda do movimento longo dos clíticos fonológicos, o aumento contínuo de *wh-in-situ*, a perda de movimento longo do verbo, etc. O mesmo pode ser dito do pronome tônico, que não precisa mover-se como o clítico.⁹

3. O objeto nulo e restrições quanto ao antecedente

A análise empírica das sessões anteriores revelou que as duas variedades apresentam preferências diferentes: enquanto o **PE** opta mais pelo clítico objeto expresso e pelo CLLD, o **PB** usa o objeto nulo, o clítico e o pronome tônico, em variação, dando preferência ao DE e à topicalização. Isso mostra que, mesmo no nível de uso, corrobora-se a análise de Raposo (1998a): um falante que opta pelo D não-nulo, produzirá automaticamente CLLD, enquanto o falante que privilegia o D nulo, exibirá topicalização. A explicação dessas correlações decorrem naturalmente da teoria de Raposo (1998).

Na presente seção tentaremos responder à segunda questão. Se em relação ao objeto pronominal expresso, as duas variedades revelam uma diferença claramente visível – clítico em **PE** e pronome reto em **PB** – nada se disse sobre a natureza do objeto nulo. Analisaremos aqui sua natureza, tendo em vista os tipos de antecedentes que ele pode ter nas duas variedades do português

O objeto nulo definido foi proposto inicialmente no chinês por Huang (1984), que relacionou essa propriedade à da possibilidade do “tópico nulo”, característica que relacionou essa propriedade à da possibilidade do “tópico nulo”, característica das línguas orientadas para o discurso. Para o autor essa categoria vazia pode ser ligada a um tópico expresso em posição A' ou a um tópico nulo recuperável pelo contexto. Raposo (1986) propôs que o **PE** apresenta um objeto nulo semelhante, A'-ligado, sensível a ilhas sintáticas. A análise foi contestada para o objeto nulo do **PB** por Galves 1989 e Farrell 1990, que analisaram o objeto nulo, nessa variedade, como pronome.

Na proposta mais recente de Raposo (1998) a representação proposta para o objeto nulo nas duas variedades é de que ele é uma categoria mista: um DP com o D nulo e seu complemento um *pro*, que sofre movimento para F afim de possibilitar a identificação de seus traços por um antecedente.

A pergunta que se coloca é:

- a) Esse objeto nulo misto assim definido pode aparecer em ilhas?
- b) esse objeto pode ter antecedente em posição-A?

Em relação à primeira, constata-se que o objeto nulo é aceito por muitos portugueses em muitos contextos de ilha.¹⁰ Um exemplo real é o (11), repetido aqui

⁹ Admite-se aqui o movimento curto para v, (cf. Galves 1998) mas este não antepõe o objeto ao verbo em *spell-out*.

¹⁰ Agradecemos, em particular, a João Peres, Telmo Mória, Ana Teresa Alves e Rui Marques, que nos forneceram vários exemplos de ilha em que o nulo era possível.

como (26), onde ele se encontra no interior de uma ilha dupla, uma sentença adjunto que, por sua vez, está dentro de uma relativa:

- (26) Por muitas decepções que possamos sofrer em democracia, não podemos esquecer a fabulosa frase de Churchill (à qual não aponho aspas, porque cito __ de memória).
(EXPRESSO, 22-01-99) PE

Vejamos agora a segunda questão, a saber se ele pode ter um antecedente em posição-A.

Desde o estudo de Huang (1984), acreditava-se que o objeto nulo só poderia ter seu antecedente em posição A':

- (27) a. O João_i acha que a Maria viu __ *_i/j
b. A Maria_i contou ao João_j que o Pedro viu __ *_i/*_j/k

- (28) O João_i, o Pedro acha que a Maria viu ___i

Mas esse é o comportamento esperado de uma variável e não de um pronome, sujeito, portanto à condição C. Figueiredo e Bianchi (1994) e Barra (2000) contestam, todavia, essa assunção, defendendo que o objeto nulo do PB pode ter um antecedente em posição-A, como em (29), mas que este não pode ser humano. Os falantes do PE, contudo, não aceitam um sujeito como antecedente, seja ele humano ou não-humano.

- (29)a. Este livro decepcionou o publico quando a editora pôs __ a venda **PB *PE**
b. Este autor decepcionou o publico quando a editora apresentou __ na cerimônia de lançamento ***PB *PE**

Já na posição-A' ambas as variedades permitem antecedentes humanos ou não humanos.

- (30) a. Este livro, a editora pôs __ a venda no ano passado. **PB PE**
b. Este autor, nem todos cumprimentaram __. **PB PE**

Vejamos agora um antecedente em posição de objeto:

- (31) a. Consertamos o carro antes de por __ a venda. **PB PE**
b. A Maria quebrou o relógio quando tirou __ da caixa. **PB PE**
- (32) a. O policial insultou o preso antes de torturar __ **?PB ?* PE**
b. Eu avisei estes homens (de) que a polícia ia prender__ **?PB ?*PE**

Novamente as frases são aceitas quando o objeto é não-humano, sentindo-se uma deterioração se este é humano. Observa-se, assim, que a mesma restrição sentida para o sujeito no **PB** é verificada no **PE** quando o antecedente é um objeto.

Como podemos formular a generalização descritiva sobre essas restrições?

Restrição semelhante pode ser vista em relação ao sujeito. Calabrese (1986) mostra que o sujeito anteposto ao verbo pode, por ser um Tema, atuar como antecedente de um sujeito vazio, em orações subsequentes, mas que o sujeito posposto nunca o é. Ora, o sujeito posposto está em ramificação à direita, focal, portanto, enquanto os sujeitos subsequentes, por não serem mais informação nova, devem ocupar a posição anteposta ao verbo, isto é, em ramificação à esquerda, em posição não-focal.

- (33) a. Apareceram os jogadores e ___ saíram jogando/a jogar. ***PB** ***PE**
 b. Os jogadores apareceram e ___ saíram jogando/a jogar. ✓**PB** ✓**PE**

Estendendo essa proposta de Calabrese, podemos propor que a ligação de uma categoria vazia a um antecedente-A sofre restrições de paralelismo sintático: o sujeito requer um antecedente sujeito e o objeto, um antecedente objeto. Mas como dar conta do exemplo (29), aqui repetido como (34), onde o antecedente do objeto nulo é o sujeito da matriz?

- (34) a. Este livro decepcionou o publico quando a editora pôs ___ a venda

Note-se que verbos que têm sujeitos inanimados são muito poucos e podem ser analisados como tendo dois argumentos internos. É o caso de verbos psicológicos como **decepcionar** (cf Belletti & Rizzi 1988). Sujeitos inanimados possíveis como antecedentes de objetos nulos no **PB** seriam reconstruídos em FL como objetos inanimados. Já as passivas das frases em (35) tornam-se inaceitáveis, justamente porque, antes do alçamento, o antecedente é um objeto humano.

- (35) a. Os presos foram insultados antes da polícia torturar ___ ?***PB** ***PE**
 b. Estes homens foram avisados de que a polícia ia prender ___ ?***PB** ***PE**

Resumindo o que vimos, temos:

(36) Antecedente	DE/Topical.	Objeto	Sujeito
do obj nulo		Lógico	Lógico
PB	±humano	-humano	-humano
PE	±humano	-humano	*

Nota-se ainda que enquanto o objeto nulo tem todas essas restrições quanto ao possível antecedente, o pronome lexical, seja clítico seja pronome não apresenta restrição alguma.

Conclusão

No estágio em que se encontra a presente pesquisa, ficou claro que o objeto nulo do português tanto europeu quanto brasileiro não pode ser uma variável nos moldes da análise de Raposo (1986). A ocorrência em ilhas e a possibilidade de termos CLLD ou topicalização como variantes reforçam a natureza pronominal do objeto nulo. Mas a representação proposta por Raposo (1998) é de que o complemento pro do D se move para F para ter seus traços identificados por um antecedente.

- (37) a. (esse livro) [_{FP} F [_{TP} eu só encontrei [_{DP} D pro] na FNAC]]
 b. (esse livro) [_{FP} pro+F [_{TP} eu só encontrei [_{DP} D t] na FNAC]]

A motivação apresentada para a etapa (37b) desta análise foi inteiramente conceitual, e baseou-se na ideia de que o D nulo não poderia identificar pro, e que esse elemento teria assim de ser movido para a categoria F, por hipótese a categoria que estabelece a relação entre o pro e o seu antecedente linguístico ou discursivo. Seria melhor, no entanto, se tivéssemos um argumento empírico mais forte e acreditamos ser possível construir um argumento desse tipo, com base em frases em que o antecedente do objecto nulo não é um tópico estrutural ou pragmático, mas sim um DP integrado na própria frase em que ocorre o objecto nulo. Estas frases levantam problemas empíricos e teóricos que estamos longe de compreender, e que se reflectem muitas vezes na extrema dificuldade em dar juízos de aceitabilidade sobre alguns destes exemplos. Deixamos essa testagem empírica para um trabalho posterior, no qual intuições tanto de portugueses quanto de brasileiros possam ser amplamente testadas.

Referências

- Barra, Marcelo (2000) Sujeitos nulos e objetos nulos no Português Brasileiro. UNICAMP: Tese de Mestrado.
- Belletti, Adriana & Luigi Rizzi (1988) Psych verbs and θ -theory. *Natural Language and Linguistic Theory* 6: 291-352.
- Bianchi, V. e M.C.Figueiredo (1994) On some properties of Agreement-Object in Italian and in Brazilian Portuguese. In: M.Mazzola (ed) *Issues and Theory in Romance Linguistics: selected papers from the LSRL XXIII*. Washington,DC: georgetown University Press, 181-97.
- Cinque, G. (1990) Types of A'-dependencies. Cambridge, Mass: The MIT Press.
- Cyrino, S.M.L. (1994) O Objeto nulo no Português do Brasil: um estudo sintático- diacrônico. UNICAMP: Tese de doutorado.
- , M.E.L.Duarte e M.A.Kato (2000) Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. In: M.A.Kato & E.V. Negrão (eds) *Brazilian Portuguese and the Null subject Parameter*. Frankfurt: Verveurt-Iberoamericana.

- Duarte, M.Inês. (1987) *A Construção de Topicalização na Gramática do Português: regência, ligação e condições de movimento*. Universidade de Lisboa: Dissertação de doutoramento.
- Galves, C. (1987) A sintaxe do português brasileiro. *Ensaio de Linguística* 13:31-50.
- (1989) O objeto nulo no português brasileiro; percurso de uma pesquisa. *Caderno de Estudos Linguísticos* 17:65-90.
- (1998) 'La Syntaxe Pronominale du Portugais Brésilien et la Typologie des Pronoms'. In: Zribi-Hertz, A. (ed.) *Les Pronoms*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Kato, M.A. (1993) The distribution of null and pronominal objects in Brazilian Portuguese. *Linguistic Perspectives on the Romance Languages: Selected Papers from the XXI Linguistic Symposium on Romance Languages* (Currents Issues in Linguistic Theory Series), 225-235, Amsterdam: John Benjamins.
- (1996) Português Brasileiro falado: aquisição em contexto de mudança lingüística. In: I.Duarte e I.Leiria (orgs) *Actas do Congresso Internacional sobre o Português. Vol II*. Pps 211-237.
- Laca, Brenda (1990) Generic objects: some more pieces of the puzzle". *Lingua* 81.25: 25-46
- Raposo, Eduardo (1986) On the null object in European Portuguese. In: O.Jaeggli & C.Silva-Corvalán (eds) *Studies in Romance Linguistics*.373-390. Dordrecht: Foris
- (1998) Definite/zero alternations in Portuguese. In: A.Schwegler, B Tranel & M.Uribe-Etxebarria (eds) *Romance Linguistics: Theoretical Perspectives.*, 197-212. Amsterdam: John Benjamins.
- Rizzi, L (1986) Null objects in Italian and the theory of *pro*. *Linguistic Inquiry*17:501-558.
- Schmidt, C & Stowell, T. (1989) Subjects, specifiers and X-bar theory. In: M. Baltin & A.Kroch (eds) *Alternative conceptions of Phrase Structure*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Vasco, Sérgio (1999) Construções de tópico em português: as falas brasileira e portuguesa..UFRJ: dissertação de mestrado.